

Por um Exercício de Aprendizagem Colaborativa entre Pares: Da Potência Dialógica às Reflexões Produtivas no Contexto das Aulas na Pós-Graduação

Gabriel Silva Xavier Nascimento

Mestrado em Educação
Universidade Federal do Espírito Santo
(UFES)

Docente
Instituto Federal de São Paulo
(IFSP)

✉ tilgabriel@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9308-7296>

Marcel de Assis Roque

Mestrado em Educação
Centro Universitário Salesiano São Paulo
(UNISAL)

Docente
Instituto Federal de São Paulo
(IFSP)

✉ marcel.libras@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7269-5206>

Daniel Ramos de Souza

Especialização Saúde Mental e Atenção Psicossocial
Centro Universitário Herminio Ometto
(UNIARARAS)

Técnico Administrativo em Educação
Instituto Federal de São Paulo
(IFSP)

✉ daniel.psi26@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6109-6128>

Recebido em 05/02/2022

Aceito em 10/07/2022

doi

Resumo

Este trabalho traz reflexões e análises sobre a Pesquisa de Crítica de Colaboração, PCCol e as nuances que a permeiam partindo de um relato de experiência ocorrida em uma disciplina homônima ofertada no programa de Pós-graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência da Unifesp. Como recorte de dados, empregamos fragmentos de interações entre discentes em atividades propostas com questões abertas e apresentação de banners com reflexões à luz de alguns pressupostos da Teoria-Histórico Cultural. Os recortes apresentados bem como a organização didática da disciplina nos permitem evidenciar o potencial da PCCol não somente como possibilidade metodológica como também base para uma organização didática pautada na dialogia e na colaboração como formas de construção coletiva de conhecimentos.

Palavras-chave: PCCol, colaboração crítica, didática

Introdução

Dentre os desafios que permeiam a pós-graduação como percurso formativo para professores-pesquisadores, podemos mencionar a pressão do tempo (Rosa, 2008; Silva, 2010) considerando as diversas atividades que são propostas: a integralização dos créditos curriculares, as publicações requeridas, participações e organizações de eventos e divulgação gradual das pesquisas e reflexões propostas nas teses e dissertações e/ou paralelas a elas (Machado & Bianchetti, 2011).

Para além disso, dois aspectos ainda incipientemente abordados nas discussões nas produções científicas dentro dessa temática são especificamente: o desnivelamento entre as práticas de leituras dos pós-graduandos, que se veem diante de um volume massivo de leituras e análises, e não raramente um sentimento de solidão em relação a tantas atividades em andamento em um período limitado com prazos frequentemente estabelecidos de forma individual.

Neste cenário, a emergência de novas propostas metodológicas que propiciem uma aprendizagem por meio de reflexões colaborativas pode resultar em alternativas menos densas e menos solitárias, ao mesmo tempo que realçam o potencial de produtividade analítica discursiva construído na relação entre os pares, visto que, para Vygotsky (1930/1998) a aprendizagem é um processo essencialmente social.

Por esse prisma, o que aqui se apresenta consiste em um relato de experiência pautado em registros dialógicos entre dois alunos ao longo das atividades previstas na disciplina “A Pesquisa Crítica de Colaboração” no Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência.

Para isso, considera-se como material para os relatos e reflexões, para além da organização didática de oferta da disciplina os seguintes instrumentos: excertos com questões propostas ao longo de Guias de Leitura, tomadas na disciplina como práticas para aprofundamento das discussões, e; comentários pontuados por dois alunos por meio do editor de texto colaborativo e online, *Google Docs*, enquanto realizavam as atividades em dupla.

A partir desses registros, objetiva-se evidenciar de que forma as discussões realizadas sobre as questões propostas, ainda que virtualmente, propiciaram uma ambientação colaborativa, por meio da qual os alunos construíram uma reflexão potente para a construção dos conceitos e ferramentas teóricas abordados na disciplina.

Em termos de organização, este trabalho foi pensado em 4 seções a saber: 1) *Da organização didática e instrumentos de avaliação da disciplina* – com apresentação dos elementos básicos e a estratégias de discussão e avaliação utilizadas; 2) *Dos pressupostos da Pesquisa Crítica de Colaboração* – em que apresentamos as nuances que permeiam essa perspectiva metodológica; 3) *Das relações dialógicas estabelecidas na realização das atividades em pares* – com análises de alguns excertos de comentários e questões propostas; 4) *Da colaboração como forma de transformação e aprendizagem* – com algumas de nossas considerações acerca da experimentação dessa aprendizagem colaborativa.

Esperamos que as discussões aqui pretendidas possam contribuir para novos olhares na organização e sistematização de disciplinas no âmbito da pós-graduação frente aos desafios que emergem nesse percurso formativo.

Da Organização Didática e Instrumentos de Avaliação da Disciplina

Em termos de proposta didática, a disciplina foi pensada e ofertada em uma perspectiva dialógica distante das tradicionais aulas expositivas. Os textos compartilhados e demarcados para leitura em um cronograma do semestre serviam de ponto de partida para problematizações que se materializavam ao longo das aulas remotas oferecidas por meio da plataforma de interação virtual *Google Meet*.

A escolha da plataforma virtual se deve ao contexto da pandemia da Covid-19 que forçou os sistemas escolares do mundo todo a adotar estratégias de distanciamento social como uma das medidas para contenção dos casos de contaminação pelo novo coronavírus. Neste sentido, apenas os dois primeiros encontros da disciplina ocorreram em espaço físico presencial. Tão logo as medidas de distanciamento foram implementadas a disciplina foi integralmente ajustada para oferta remota sem interrupção do cronograma.

As discussões emergiam de forma espontânea durante as aulas e se encadeavam com a mediação da professora sem uma preocupação específica em se ater a uma forma roteirizada ou sequencial de ideias, mas na concatenação de elementos chave do texto que poderiam nos ajudar não somente na compreensão teórica-metodológica como também na organização e escrita das dissertações e teses.

Participaram da disciplina um total de 28 alunos sendo 10 alunos regularmente matriculados no programa (2 mestrandos e 8 doutorandos) e 18 alunos especiais sendo três deles surdas usuárias da língua brasileira de sinais – libras.

Como atividades práticas, foram propostas 8 Guias de Leitura com questões abertas focadas nas unidades temáticas de cada encontro, servindo como uma extensão ou proposta de aprofundamento dos conceitos abordados nos encontros síncronos. Por fim, a atividade avaliativa final consistiu na apresentação de um banner com possíveis contribuições das discussões realizadas em aula para os projetos e ideias de pesquisa em desenvolvimento por cada aluno. Nesta atividade, o banner era acessado e debatido por pelo menos 2 colegas de turma reforçando a relação professor-pesquisador de forma interativa sendo a professora responsável e alguns professores convidados os mediadores das avaliações dos banners e encarregados do *feedback* final.

Dos Pressupostos da Pesquisa Crítica de Colaboração

O termo colaboração é aqui compreendido como um processo compartilhado de avaliação e reorganização de práticas tanto de pesquisa quanto de ensino. Quando realizada de forma adequada, o trabalho pode superar limitações, o individualismo e a alienação. Para Leontiev (1978b), o individualismo e as tensões são provenientes da falta de se relacionar as metas e os resultados da própria prática docente, já a alienação é resultado da desconexão na atuação dos educadores.

A colaboração tenciona que todas as vozes sejam ouvidas. Mais que isso, permite que todos os participantes questionem os sentidos uns dos outros e compartilhem o conhecimento novo (Magalhães & Fidalgo, 2010). Por esse prisma, a perspectiva colaborativa deve ser vista em duas direções. Na primeira, a do próprio conceito, que difere de cooperação e se distancia da persuasão. E na segunda, na direção do quadro metodológico, que requer um comportamento específico cujas práticas discursivas podem ser analisadas pela via da linguística.

Isso, naturalmente, não implica necessariamente na consolidação de uma uniformidade de ideias. Ao partirmos do princípio de que todas as vozes são ouvidas, os aspectos históricos, linguísticos e culturais que atravessam os sujeitos são marcados pelas suas subjetividades o que pode imprimir nas relações discursivas um caráter frequentemente heterogêneo. É pela ausência do consenso inicial que a contradição toma forma e, partir dela, emerge o conflito.

Por conflito, Magalhães e Fidalgo (2010) se referem aos pontos divergentes estabelecidos nas relações dialógicas. Ele pode se dar entre o pesquisador e os pesquisados,

ou entre o próprio pesquisador consigo mesmo à medida em que este é confrontando pelos discursos dos outros envolvidos na interação. Neste cenário, é por meio das reflexões de todos os sujeitos presentes que ocorrem negociações que permitem a convergência das ideias, ainda que de forma temporária.

Por essa via, é tensionada uma ruptura com elementos que possam se escorar em um paradigma positivista considerando que os participantes da pesquisa não são vistos como dados ou produtores de dados que serão sistematicamente coletados. Isso porque a Pesquisa Crítica de Colaboração – PCCol visa criar um contexto para os participantes entenderem suas ações e as ações de seus colegas e alunos, bem como de seus interesses, e não criar um quadro autoritário e individualista para a pesquisa no qual o pesquisador ocupa um lugar hierarquizado do saber.

Assim, as intervenções realizadas por quem conduz a pesquisa devem ser feitas de forma horizontal e não vertical. Não se trata de uma relação direcional “eu mais o outro” e sim do “nós”. Na contramão das relações de poder tradicionalmente estabelecidas: entre professor e aluno, entre pesquisador e pesquisados, entre novos pesquisadores e pesquisadores renomados, etc.

Da mesma forma, a perspectiva crítica implicada na pesquisa colaborativa se volta para a tarefa de questionar as cristalizações dos saberes, colocam à prova o conhecimento pressuposto e enraizado revestindo a colaboração de um caráter mediador no qual os sentidos são constantemente negociados propiciando um ambiente de confiança entre os participantes.

Em consonância com esses pressupostos, Gutiérrez et al. (1999) assumem a colaboração como um dos pilares da prática investigativa compreendendo-a como forma de trocas e compartilhamentos ou forças complementares em menor ou maior escala, através das quais se constrói a aprendizagem.

Fullan (1993), por sua vez, distingue cooperação de colaboração e emprega o termo “atividade conjunta” (*joint activity*) no sentido de processo de aprendizagem e participação mútua para produção de conhecimento. Para ele, a colaboração é o centro de uma atividade de um sistema maior que relaciona aspectos sociais, linguísticos, culturais e outros para produção de conhecimento de forma conjunta.

Este ponto específico nos permite problematizar as práticas de ensino e aprendizagem que, por vezes, desconsideram tais aspectos ao manter a relação tradicional em que o professor é aquele que transmite e o aluno aquele que recebe o conhecimento em

uma via única. Pensar a aprendizagem de forma dissociada do contexto social, cultural e linguístico dos sujeitos pode impedir a compreensão do todo, pois deixa de lado fatores diversos imbricados na construção social dos sujeitos, seus interesses e motivações.

Nesse sentido, faz-se necessário propiciar um ambiente de diálogo em que as especificidades são trazidas à tona, é nessa possível zona repleta de diversidade que os sujeitos (através de suas práticas discursivas) denotarão informações individuais que servirão de catalisadores para o pensamento coletivo, isto é, entender o contexto do outro e pensar junto.

Enquanto na cooperação mina-se as possibilidades de discussão e transformação mútua dos sujeitos pela ausência da contradição, eliminando possibilidades de rever os discursos e confrontá-los. Na colaboração, por sua vez, esses aspectos estão imbricados na produção de dados e se somam à possibilidade de intervenção que modifica não somente os sujeitos envolvidos como o próprio pesquisador. Esta ideia se aproxima do que Gutiérrez et al. (1999) chamam de atividade conjunta, pois excede o pressuposto da cooperação enquanto atividade de suporte e se alinha a ideia de colaboração enquanto processo de aprendizagem e transformação coletiva.

Partindo da prática colaborativa como atividade que resulta em algum tipo de intervenção/transformação, compreender os sujeitos em suas particularidades e livre das amarras da hierarquização pode ser determinante no processo de resignificação do papel da escola como *lócus* de formação para autonomia e cidadania, o que também irá impactar o modo como o pesquisador irá se relacionar e perceber o contexto escolar.

Ao nos aproximarmos da PCCol como metodologia que fundamenta nossas reflexões e análises, entendemos que não é possível negligenciar os aspectos sociais, históricos e políticos que permeiam a escola e a pesquisa. As investigações não são produzidas em um vácuo, mas são rodeadas por fatores nem sempre controláveis e que influenciam nos resultados. Desse modo, é preciso pensar a potência da pesquisa enquanto atividade humana e situada num dado momento-espço.

Das Relações Dialógicas Estabelecidas na Realização das Atividades em Pares

Tendo em mente os pressupostos teóricos abordados ao longo da disciplina apresentamos agora um entrelace entre os conceitos e as interlocuções colaborativas que

tomaram forma ao longo da realização das atividades realizadas com foco principal nas chamadas Guias de Estudos a serem realizadas a cada semana após os encontros síncronos.

As Guias eram compostas de questões do tipo abertas com foco na retomada dos conceitos debatidos e com apelo para reflexões que os excedem. Deste modo, não se tratava meramente de um questionário com respostas estanques, mas abertas à complementação e discussão das duplas de alunos e posteriormente retomadas nas aulas com a mediação da professora acerca de pontos críticos levantados nas respostas.

Em relação aos conceitos é importante salientar os processos de desconstrução pelos quais passamos à medida em que as discussões ocorriam durante as aulas. Desconstrução no sentido de rever semanticamente alguns termos que nos pareciam, a princípio, diretos e estanques. É o caso, por exemplo, das palavras: colaboração, crítica, intervenção e conflito.

Fora do contexto acadêmico, é comum que se atribua a esses termos os sentidos comuns dicionarizados, assim, colaboração era vista meramente como uma atividade cooperativa que se dava entre mais de um sujeito ou situação; crítica era frequentemente associada a uma avaliação depreciativa e intervenção compreendida como algo de cunho essencialmente prático, uma intromissão e; conflito como um evento marcado por tensão negativa.

Por meio das aulas, ressignificações destes termos ocorreram gradativamente tanto pelas discussões quanto pelas interações em pares na realização das Guias. Para ilustração disso, trazemos aqui uma das perguntas propostas na atividade e um recorte da interação entre os pares de alunos e a resposta definida.

Tabela 1*Interações na resolução das Guias*

Pergunta
E por que a PCCol seria considerada uma metodologia de intervenção?
Interações
Aluno 1: Eu diria que tem uma ação direta sobre uma determinada situação em aula.
Aluno 2: Mas você precisa lembrar que a intervenção não é somente algo prático, de ir lá e fazer, pode ser um direcionamento que se dá por meio das reflexões.
Aluno 1: Só pensar pode ser considerado uma intervenção?
Aluno 2: Não porque envolve além da ação reflexiva uma possível transformação... é como se com o direcionamento os envolvidos se vissem na condição de repensar as práticas...
Aluno 1: Certo, mas visto por este lado talvez não devêssemos utilizar a palavra direcionamento... parece que ela tem um pressuposto de uma direção definida que é a correta... pelo que você fala seria mais algo para mediar que direcionar... podemos usar também o termo práxis, pensando nessa junção entre teoria e prática.
Aluno 2: Isso dá conta.

Fonte: Acervo dos autores

Nesse recorte, é possível evidenciar a ocorrência de três pressupostos básicos da PCCol: a contradição, a negociação e a transformação. Contradição quando o aluno 1 apresenta uma resposta direta a pergunta, pautada em um sentido meramente dicionarizado e que é repensado pelo aluno 2 que expande a significação; a negociação emerge à medida em que a resposta nova oferecida pelo aluno 2 é novamente repensada e ainda mais expandida pelo aluno 1; e, por fim, a transformação ocorre quando ambos chegam a um consenso sobre uma resposta que contemplaria a pergunta da Guia.

Por esse prisma, Magalhães e Fidalgo (2010) esclarecem que:

Assim, a pesquisa de intervenção, para nós, é um termo chave para o paradigma da pesquisa crítica que visa a criação de um contexto para os participantes a compreenderem a suas ações e as dos seus colegas e alunos, bem como os seus interesses [...] ³⁰ (Magalhães & Fidalgo, 2010, p. 776).

Ainda que as autoras estejam discutindo especificamente sobre a pesquisa crítica do tipo de intervenção, o recorte das interações anteriores ressoa com a ideia de os participantes compreenderem as ações e interesses um dos outros para que possam realizar

³⁰ Tradução livre para - Thus, intervention research, for us, is a key term for the critical research paradigm that aims at creating a context for participants to understand their actions and those of their colleagues and students, as well as the interests they serve [...].

negociações para as novas produções de sentido de forma dialógica e reflexiva, sem imposições ou dualismos, mas um processo crítico e colaborativo.

Retomando a ideia de práxis trazida pelo aluno 1 na parte final da interação anterior, uma nova discussão ocorre quando eles se deparam com uma pergunta mais direta sobre o termo em outra Guia conforme se pode observar a seguir.

Tabela 2

Interações nas resoluções das Guias

Pergunta
<p>Como o conceito de práxis difere do de prática? E que importância tem fazer essa diferença em trabalhos de formação?</p>
Interações
<p>Aluno 2: Eu lembro de termos respondido algo assim em uma das Guias né? Aluno 1: Verdade. Aluno 2: Para mim práxis é sinônimo de prática, mas pelo que você falou não é bem assim né. Aluno 1: Eu entendo que práticas seria algo voltado para uma ação direta, estratégia, técnica. Já práxis é uma mescla entre o que se entende na teoria e a prática. Aluno 2: Lembrei da professora falando na PCCol teoria e prática andam sempre juntas. Aí fiquei confuso, ainda que seja práxis se é a mesma pessoa realizando a prática, o esperado é que a teoria esteja em ação né? É a mesma pessoa. Aluno 1: Agora eu fiquei confuso... o que foi mesmo que você entendeu? Aluno2: Assim, se a gente vai chamar de práxis, não é óbvio que a prática será a teoria em ação, como é o caso de um professor, por exemplo? Aluno 1- Não necessariamente. Nem sempre o que se prega enquanto teoria é posto em prática seja parcialmente ou na totalidade, e isso pode ficar ainda mais evidenciado se a gente começa a ver por uma perspectiva crítica e de colaboração. Aluno 2: Bom, mas aí se o professor não coloca em prática o que ele acredita então ele está fazendo só uma prática e não práxis. Aluno 1: Esse é um ponto que podemos levar para a aula, mas no caso dessa pergunta, uma coisa que podemos nos atentar é nos efeitos de uma coisa e outra. Por exemplo, uma prática pode ser tradicional e hierárquica quando pensamos apenas naquela coisa de transmitir ideias ou pode ser dialógica e mais moderna. No entanto, é por meio de uma práxis ancorada no paradigma crítico que podemos pensar na ideia da colaboração fora dos limites da hierarquia e das divisões entre pesquisador e pesquisado. Aluno 2: Isso eu entendo, podemos ir por esse caminho... lembro também de alguns exemplos na aula quando foi dito que o pesquisador se transforma junto com o pesquisado.</p>

Fonte: Acervo dos autores

Ao longo dessa interação é possível observar que na relação entre as leituras e as discussões o consenso não necessariamente foi atingido em relação à distinção entre prática

e práxis, mas o movimento reflexivo que toma forma na interação excede a resolução da Guia e é direcionado como um ponto a ser levado para o debate com a professora.

O conflito se estende à medida em que ambos refletem sobre o que disseram, modificam suas estratégias e reelaboram um novo argumento que finaliza entre a distinção dos conceitos de prática e prática em relação aos aspectos de colaboração imbricados nesse processo, conforme se pode observar na transcrição da resposta final elaborada pelos alunos.

Práticas são inerentemente sociais, uma vez que, socialmente construídas, expressam e realizam ações que não são apenas técnicas. Neste sentido a prática é o conjunto de ações e técnicas, já a práxis é a união da teoria com a ação, de forma consciente, provocando mudança, criticidade e revolução [...].

É justamente esse movimento consciente que permite a negociação de novos sentidos tal qual ocorre na pesquisa. As interações entre os alunos nas resoluções das atividades provocam um movimento de repensar o que foi lido, debatido e aprendido em sala ao mesmo tempo em que buscam uma forma técnica de elaborar isso em um texto verbal que serviria de resposta para a pergunta.

Essas interações permeadas pelos pressupostos da Pesquisa Crítica de Colaboração se estendem ao longo da resolução das outras guias, hora partindo do sentido inicial que os alunos atribuíam aos termos, hora adensando em questões mais teóricas como a compreensão e aplicação de determinados conceitos.

Do ponto de vista pedagógico, a estratégia mostra-se como uma forma eficiente de produzir conhecimento por meio da reflexão, no entanto esbarra em alguns fatores que podem ser ou impeditivos ou enfraquecedores desse processo reflexivo-colaborativo. O principal deles é o tempo considerando a rotina da pós-graduação, marcada pela exigência do cumprimento de créditos e volumes de leituras em múltiplas disciplinas simultaneamente. Ir por essa via demandaria um período maior de estudos que possibilitasse leituras e releituras e principalmente retomadas por outros modos discursivos.

No caso da oferta desta disciplina, o contexto emergencial da pandemia e a mudança rápida de um curso pensado para o ensino presencial agora transposto para o ensino remoto faz emergir algumas barreiras as quais podemos citar: a duração das aulas síncronas – que se prolongavam por 2 horas, às vezes mais a depender da intensidade das discussões o que configurava um tempo considerável frente a tela do computador, pressão para conclusão das

leituras e logo após, a resolução e envio das Guias. Essa questão foi pontuada na etapa de avaliação da disciplina.

Ao mesmo tempo, o movimento não linear que permitia constantes retomadas e intersecções entre os textos amenizava o impacto da leitura automática de textos e principalmente das reflexões ao incluir nas discussões exemplos de vivências e práticas em pesquisas realizadas por meio da PCCol.

Essas interlocuções entre textos, pesquisas e vivências fica ainda mais evidenciada com a atividade final da disciplina que consistia na apresentação de um banner em que os conceitos trabalhados nas aulas e leituras fossem pensados para o projeto de pesquisa. A tarefa, proposta de modo individual, não extinguiu a possibilidade dialógica mantida durante as Guias, sendo organizada de modo que pelo menos dois colegas pudessem ler os banners e proporem novas reflexões acerca do projeto apresentado conforme se pode observar no recorte abaixo.

Tabela 3

Avaliação dos banners pelos pares de colegas

Excerto
O ensino da língua de sinais deve levar em conta não só as particularidades linguísticas e gramaticais da libras, como também os aspectos culturais da comunidade surda usuária dessa língua.
Interações/comentários
Aluno-avaliador: Por se tratar de uma pesquisa em andamento, esse trecho me parece já bastante prescritivo ao indicar como deve ser feito o ensino da libras. Vale a pena repensar, do contrário correrá o risco de iniciar a pesquisa com a resposta pronta e isso minaria a sua possibilidade de analisar criticamente os dados.
Aluno-autor 2: Faz sentido, mas no caso o ponto de partida da pesquisa é o pressuposto de que o ensino não tem sido focado nesses aspectos mais abrangentes da língua.
Aluno-avaliador: Eu concordo em ser o ponto de partida, mas em termos de análise teórica-metodológica você precisa pautar essa afirmação com dados (que você ainda não colheu) e refletir sobre eles a partir do seu referencial teórico.
Aluno-autor 2: Acho que entendi, realmente... e como eu pretendo utilizar a PCCol esse tipo de afirmação soa hierárquica né, como se eu detivesse a norma sobre como deve ocorrer o ensino.
Aluno-avaliador: Tem isso também, acho que vale um ajuste na escrita e um entrelaçamento referenciado com alguns pressupostos da teoria Histórico-Cultural.

Fonte: Acervo dos autores

Retomando o aspecto solitário da produção de pesquisa na pós-graduação é comum que o pesquisador inicie a construção do seu projeto estruturando o problema de pesquisa, no entanto o papel do orientador mostra-se crucial à medida em que se observa as

fragilidades teóricas e metodológicas. No excerto apontado anteriormente as interações entre o aluno avaliador e aluno pesquisador denotam um processo semelhante de reflexão e organização do trabalho.

Essas interações ocorreram em todos os banners tendo sido avaliados por pelo menos dois pares e finalizada com os comentários dos professores pesquisadores experientes que conduziram a disciplina. Essa possibilidade imprimiu maior dinamismo e horizontalidade nas discussões que começavam com os colegas e terminavam com professores/orientadores que faziam apontamentos sobre toda a discussão e indicavam novos apontamentos tanto de cunho de apresentação (como aspectos de formatação do banner, exposição e clareza do texto) quanto da pesquisa (delimitação do tema, ancoragem teórica e construção metodológica).

Por se tratar de uma atividade final, o período de comentários e de reflexões sobre cada trabalho acaba sendo limitado, no entanto, o potencial discursivo-reflexivo para uma atividade por esta ótica é contínuo e possibilita uma construção de uma escrita verdadeiramente colaborativa marcada por vozes e observações que se entrelaçam nas discussões.

Da Colaboração como Forma de Transformação e Aprendizagem

Como escolha teórica-metodológica a PCCol só se concretiza quando ocorre a transformação e a ressignificação de todos os envolvidos na pesquisa; contudo é uma tarefa complexa mensurar o grau de transformação do outro, considerando ainda que a pesquisa ocorre em um período determinado de tempo e as práticas metodológicas são contínuas, extrapolando quaisquer formas de avaliação posterior ao período da pesquisa, ou seja, transformações em cadeias podem continuar ocorrendo mesmo sem o acompanhamento do pesquisador, ou estas transformações podem ocorrer em menor escala.

Para Jones e Magalhães (2020), o papel dos professores é trabalhar colaborativamente com os estudantes, de forma a possibilitar que estes solucionem problemas com aplicações práticas na vivência e sociedade. Nesse aspecto, o diálogo e pensamento crítico são cruciais para esse espaço amplo de colaboração.

Pode-se citar um exemplo de utilização efetivo da PCCol no estudo realizado por Oliveira (2021). Na pesquisa desenvolvida, buscou-se investigar os aspectos inerentes da docência em uma escola quilombola do interior do estado de São Paulo. Investigou-se como

os professores da instituição atuam e dão significado à suas práxis por meio de sessões reflexivas. Evidenciou-se a transformação de todos os envolvidos no processo, incluindo o pesquisador, uma vez que as aprendizagens mútuas trazem consigo a capacidade de transformar a realidade educacional em que os atores da pesquisa ocupam em seu dia a dia.

Um outro benefício referente às pesquisas pautadas pela PCCol está na versatilidade de realização dos encontros e reuniões, a exemplo das próprias sessões reflexivas. Com o distanciamento social imposto pela pandemia do Coronavírus no ano de 2020, medidas criativas podem ser adotadas, como os encontros virtuais. Também, de forma virtual, pode-se alcançar os participantes de forma síncrona em diferentes locais geográficos.

Criar um espaço colaborativo, respeitoso e acolhedor, em que todos tenham direito de fala não é uma tarefa fácil ou simples. Demanda do pesquisador além do aporte teórico, grande capacidade de observação e análise e também sensibilidade ao promover as ações partilhadas. Ressalta-se novamente que esses contextos de transformação produzem mudanças em todos envolvidos, a incluir, o próprio pesquisador: cabe a este então, abertura e receptividade para tal (Magalhães et al., 2020).

Nesse sentido, para além das questões de produção e organização da pesquisa as experiências ocorridas ao longo das aulas evidenciam o potencial da PCCol para organização didática e metodológica da disciplina em uma prática coerente com aquilo que se pesquisa, isto é, para além do pensar metodológico e das reflexões na pesquisa é por meio da práxis (teoria e prática indissociáveis) que os frutos da colaboração crítica se materializam e possibilitam a real transformação dos envolvidos.

Referências

- Fullan, M. G. (1993). Why teachers must become change agents. *Educational Leadership*, 50(12).
- Gutiérrez, K. D. et al. (1999). Building a culture of collaboration through hybrid language practices. *Theory into Practice*, 38(2), 87-93. doi [10.1080/00405849909543837](https://doi.org/10.1080/00405849909543837)
- Jones, P. E., & Magalhães, M. C. C. (2020). Marx, Vygotsky e Freire: Discussões metodológicas sobre o papel da linguagem na transformação social. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 36.
- Leontiev, A. N. (1978). *Atividade, consciência e personalidade*. Ciencias del Hombre.
- Machado, A., & Bianchetti, L. (2011). (Des)feticchização do produtivismo acadêmico: Desafios para o trabalhador-pesquisador. *Revista de Administração de Empresas*, 5(3), 244-54.

- Magalhães, M. C. C., & Fidalgo, S. S. (2010). Critical collaborative research: Focus on the meaning of collaboration and on mediational tools. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 10(3), 773-97.
- Magalhães, M. C. C., Liberali, F. C., & Lessa, A. (2006). A formação crítica: Bases teórico-metodológicas. In S. S. Fidalgo & F. C. Liberali (Orgs.), *Ação cidadã: Por uma formação crítico inclusiva*. Unier.
- Oliveira, A. P. D. F. (2011). *A colaboração crítica na compreensão e transformação do ensino-aprendizagem de inglês: Atividade de formação de professor*, (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Rosa, A. (2008). "Nós e os índices": Um outro olhar sobre a pressão institucional por publicação. *Revista de Administração de Empresas*, 48(4), 108-14.
- Silva, A. O. (2010). Reflexões sobre a ideologia produtivista a partir da leitura de "Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico". *Revista Espaço Acadêmico*, 10(109), 139-47.
- Vygotsky, L. S. (1998 [1930]). *A formação social da mente*. Editora Martins Fontes.

Towards a Collaborative Peer Learning Exercise: from Dialogic Power to Productive Reflections in the Context of Graduate Classes

Abstract

This paper brings reflections and analysis on Critical Collaborative Research, CCR and the nuances that permeate it from an experience report occurred in a homonymous course offered in the postgraduate program of Education and Health in Childhood and Adolescence of Unifesp. As data cutout, we used fragments of interactions between students in activities organized with open questions and presentation of banners with reflections in the light of some assumptions of the Cultural-Historical Theory. The presented data as well as the didactic organization of the course allow us to highlight the potential of CCR not only as a methodological possibility but also as a structure for a didactic organization based on dialogue and collaboration as forms of collective construction of knowledge.

Keywords: PCCol, critical collaboration, didactics